

Por que você quer se parecer com um homem?

[Texto de autoria de Laura Couto]

Minhas roupas são compradas na seção masculina. Os pêlos nas minhas pernas são mais compridos que a maioria dos cabelos na minha cabeça. Eu nunca uso maquiagem, não importa se estou saindo para comprar pão de manhã ou se estou indo a uma festa. As pessoas na rua muitas vezes me chamam de “senhor”. Outras partem para o insulto, às vezes me chamando de “sapatão”, outras vezes me chamando de “viado”, em ambos os casos demonstrando sua desaprovação da minha aparência física. Vejo crianças pequenas perguntando às suas mães, aos sussurros, se eu sou um menino ou uma menina. E me perguntam o tempo todo “por que eu quero me parecer com um homem?”.

A resposta é simples. Eu não quero.

E eu não me pareço com um homem.

Eu me pareço com uma mulher que se recusa a fazer a performance da feminilidade.

Minhas pernas peludas não me fazem parecer masculina, elas são MINHAS pernas, e é o MEU pêlo, e eu sou uma mulher. Minhas roupas “de menino” vestem o meu corpo, o corpo de uma mulher. Meu rosto nu, sem pintura, é o rosto de uma mulher. Eu sou uma mulher, e isto não é definido por um corte de cabelo ou uma escolha de vestimenta, ou por batom e sapatos de salto, ou por cuecas e desodorante masculino aplicado em axilas cabeludas. Não têm nada “ másculo ” em mim.

Eu sou uma mulher, e isso não é uma escolha, mas um fato. Porque “mulher” é uma realidade imposta a mim, do dia em que eu nasci e recebi um nome de mulher, ao dia em que eu tinha seis anos de idade e me disseram, em um dia escaldante de verão, que eu não podia tirar a camisa porque no futuro eu teria seios, até a noite passada, em que eu voltei para casa a pé, num estado de hiper-atenção, com as chaves de casa apertadas firmemente entre os dedos, seguindo cada movimento de cada homem que andava na rua escura.

Eu sou mulher porque, desde antes do meu nascimento, quando uma imagem de ultrassom informou aos meus pais que eu nasceria com uma vulva, eu fui educada para ser um membro da classe mulher, a classe reprodutora, a classe do sexo, a classe subalterna. Eu fui ensinada a sempre acomodar os outros e a falar de maneira mansa, a não chamar atenção para mim mesma e a poupar os egos e os sentimentos dos homens. Me ensinaram que o menino que puxou o meu cabelo e atirou seu trenzinho de brinquedo em mim, mirando na minha cabeça, provavelmente o fez porque ele gostava de mim, e que meninos são assim mesmo. Aprendi que, se eu fizesse o mesmo a ele, eu era uma encrenqueira, causadora de problemas. Que ser assertiva é feio, não é atitude de mocinha. Que um dia eu iria me casar e ter os filhos de algum homem, e isso era praticamente destino, uma certeza da vida. Que meu maior valor estava na minha aparência, muito mais que na minha mente. Sou mulher porque me foram ensinadas todas essas coisas, e sou mulher porque as pessoas esperam que eu

saiba todas essas lições de cor, e siga cada uma delas.

Quando as pessoas me perguntam por que eu quero me parecer com um homem, o que elas realmente estão perguntando é por que eu me recuso a me apresentar como um membro da classe mulher. Elas estão me perguntando o porquê de eu não estar representando o papel da feminilidade, me apresentando de maneira agradável e inofensiva aos olhos da classe dominante, a classe dos homens. Minha mãe uma vez comentou, preocupada, que tinha medo que minha apresentação e atitude me tornassem alvo para a violência masculina, e ela está certa em sua preocupação. Eu sou percebida como um membro da classe subalterna que se recusa a se portar e apresentar e cumprir o papel imposto a mim. Eu me recuso a depilar minhas pernas para me parecer com uma criança pré-pubere, inocente e vulnerável, ou a usar sapatos que me forcem a andar apoiada nas pontas dos meus pés, de maneira lenta e com equilíbrio precário, e isso enfurece os homens, pois é um ato consciente de rebelião. Isto sou eu dizendo que não pertencço a eles. Que não vou agradá-los. Que não desejo sua atenção ou sua aprovação. E os homens frequentemente tratam com violência quem se recusa a fazer o que eles querem.

Minha escolha de apresentação física me torna um exemplo negativo. Eu sou a feminista lésbica, feia e cabeluda, aquela que os homens usam para servir de aviso às outras mulheres. “Não seja como ela”, eles dizem, “ou nenhum homem vai te querer”. Mas eu também não os quero, e não quero me parecer com eles, ou ser como eles, ou ter qualquer coisa a ver com eles. Eu quero ser livre dos homens e seus padrões arbitrários. Quero poder andar orgulhosa, sem culpa ou vergonha por não ser “feminina”, do jeito que uma mulher é quando não está coberta de pintura e vestimentas restritivas, uma mulher que não se importa em agradar aos homens.

Eu não me pareço com um homem, e nada vai me fazer parecer um. Sou apenas uma mulher não-adulterada. Eu escolhi a mim mesma ao invés deles, e escolhi outras mulheres ao invés deles. Se isso fizer com que os homens me odeiem, que seja. Eu sou mulher, e eles vão me odiar de qualquer maneira.

Retirado de <http://feminismoasraizes.wordpress.com/2014/02/22/porque-voce-quer-parecer-homem/>